

# Cordel e Biblioteca

«Cordel» literature and Libraries

VERA LÚCIA CASA NOVA \*

Proposta de estudo de intercâmbio entre poetas populares (Literatura de Cordel) e bibliotecas públicas. Importância da produção literária das classes subalternas, sua legitimação e presença nas bibliotecas.

Uma das maiores dificuldades que tem o professor de literatura brasileira, quando trabalha/pesquisa a cultura dominada, é o número reduzido de folhetos de cordel, ou mesmo sua inexistência nas bibliotecas públicas e na universidade.

A literatura das classes dominadas, a fala do povo, resistência à tentativa de hegemonia da classe dominante através da indústria cultural, não é encontrada nas estantes das bibliotecas. Isso prova de certa forma como a identidade cultural e social do povo brasileiro anda por baixo.

Na década de 70, a universidade brasileira (sobretudo alguns setores, como as faculdades de letras) viveu por alguns momentos a euforia do contato com a literatura de cordel, e paralelamente, com os estudos da

---

\* Professora da Escola de Biblioteconomia da UFMG e da Faculdade de Letras da UFMG.

cultura de massa (Moacy Cirne esgotou seus trabalhos sobre quadrinhos!). A onda veio e passou. Praticamente não houve continuidade das pesquisas, porque o acervo desse tipo de literatura é reduzido, já que nem sempre, também, o pesquisador, sem financiamento de órgão competente, pode deslocar-se até os lugares da produção. Assim é que o cordel passa despercebido por grande parte dos estudiosos das ciências sociais, da linguística e da literatura.

Como fazer para que esse tipo de literatura chegue às bibliotecas e sua divulgação seja prioritária? Há casos de interesse especial, como o da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), a Casa dos Artistas de Olinda (PE), o Instituto Cultural do Cariri (CE) entre outros. Poucas entidades públicas entretanto, catalogam e publicam folhetos de cordel, deixando em mãos de alguns particulares um acervo valioso para muitos pesquisadores.

Estender, estimular a produção artística de cordel, bem como seu artesanato variado é uma urgência e uma necessidade para leitores e pesquisadores de cultura popular.

Não é só de magia e fantástico que vive a produção artística-rural. Ela vive e sobrevive como meio e troca de informação, substituindo o jornal muitas vezes, que pelo preço e tiragem não é acessível ao bolso do homem do campo; além de propiciar seu prazer/lazer. Hoje, quando a biblioteca se volta para as regiões periféricas das grandes cidades, e os projetos de educação popular estão aí presentes, continuar vendo cordel como folclore tão somente, ou como sub-cultura é declarar o desconhecimento da variedade de expressão, e o pensar existente dos extratos dominados.

“Você tem indução  
Aprende munta ciência  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa experiência  
Nunca fez uma paioça  
Nunca trabaizou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.” (1)

Para alguns estudiosos de cultura popular, bem como para autores de nossa literatura, as “classes populares” se caracterizam pela passividade e pelo conformismo. Caberia a pergunta: quem vive em condições sócio-econômicas (logo, culturais) sub-humanas, em situação histórica determinada por modelos defasados e característicos de uma sociedade de classes, apoiada na exploração do homem pelo homem, poderá ser qualificado como conformado e passivo? Parece-me que o outro lado da moeda é a negação do saber da classe dominada e a tendência de destruição de sua memória. As fórmulas de vida são orientações, não necessariamente conservadoras, mas pontos de apoio para a compreensão da realidade vivida.

“O nosso mundo sem fim  
Tem gente boa e tem ruim  
A vida é uma campanha  
Que pela terra se estende  
E o sujeito só aprende  
Depois que bastante apanha.” (2)

Os versos de Patativa do Assaré espelham a organização sócio-cultural do homem rural; sua forma de participação na produção da sociedade. Aí seu maior sentido. É com sua fala que o poeta constrói metáforas

a respeito das relações sociais que vive, constrói sistemas simbólicos que articulam significados e que mostram a heterogeneidade cultural na sociedade de classes.

A tradição comunicável e mantida é a memória, que no dizer de Câmara Cascudo é a “imaginação no povo movimentando as culturas convergidas para o uso, através do tempo”. (3) Não é tradição que também impregna a leitura de todos nós? A imagem de cultura que nos foi transmitida pela hegemonia intelectual européia se caracteriza por ser uma imagem cultural elitista, restrita e unívoca. O que adianta uma vasta bibliografia sobre a literatura de cordel, se o texto não está presente? Seria mais enriquecedor estudar J. Lins do Rego, João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, Jorge Amado, J. Ubaldo Ribeiro, Guimarães Rosa e até o longínquo José de Alencar, tendo em mãos os folhetos de cordel.

Vale citar aqui uma passagem de Gramsci, que por coincidência se espelha em nossa cultura.

“O que significa o povo italiano ler preferencialmente autores estrangeiros? Significa que ele sofre a hegemonia intelectual e moral dos intelectuais estrangeiros, que se sente mais ligado aos intelectuais estrangeiros do que aos “patricios”, isto é, que não existe no país um bloco nacional intelectual e moral, nem hierárquico nem (muito menos) igualitário. Os intelectuais não saem do povo, ainda que acidentalmente algum deles seja de origem popular, não se sentem ligados ao povo (deixando de lado a retórica), não o conhecem e não percebem suas necessidades, aspiração e seus sentimentos difusos, em relação ao povo, são algo destacado, solto no ar, ou seja, uma carta, não uma articulação — com funções orgânicas — do próprio povo”. (4)

Enquanto nossas bibliotecas ignoram esse tipo de produção, enquanto a cultura urbana desconhece o cordel, as universidades européias já se dedicam, em suas pesquisas, a recolher vasto material (cf. Sorbonne, e mais recentemente a Alemanha). Vemos assim repetir-se a velha história brasileira: depois que os estrangeiros dão valor às nossas produções, é que os intelectuais e técnicos brasileiros se voltam para elas!

Reduzir a heterogeneidade simbólica, continuar participando de um sistema de poder da cultura que se estrutura sobre disjunções, em certo/errado, cultura/natureza, é caminhar pela negação de conflito social e desconhecer o desejo e a criatividade das culturas subalternas.

O cordel-resistência/sobrevivência cultural, matriz de sentido, não é uma prática de contra-poder, nem tampouco o *outro* da cultura dominante, mas um discurso de resistência que parte do interior do campo ideológico do modo de produção dominante, e se mostra como afirmação de valores culturais do homem do interior.

Quem produz a literatura de cordel? É o operário da construção civil urbana, o trabalhador de roça, e um vasto conjunto de empregados ou subempregados que compõem as camadas de baixa renda da população brasileira. Eles dão continuidade à sua fala que resiste à expropriação cultural, trazida pelos meios de comunicação de massa urbano-industrial.

A linguagem cabocla, no dizer do próprio Patativa do Assaré é fonte inesgotável de ensinamentos. Estaria toda essa memória fadada ao desaparecimento, como profetizaram alguns historiadores da cultura? Se pensarmos a literatura de cordel como folclore, como literatura pitoresca, será mesmo possível isso. Mas se as bibliotecas, e mesmo as editoras repensarem seus

materiais, poderemos mudar essa perspectiva. A cantoria (Nordeste Central), a trova (RGS), o jogo dos versos (Norte de Minas), partido alto (RJ), o tirar versos (Centro-Oeste) precisam ser divulgados e pesquisados. Boa iniciativa a da Editora Vozes, por exemplo que, em co-edição com a Fundação Pe. Ibiapina e Instituto Cultural do Cariri (Crato-CE), publicou Patativa do Assaré, de onde tirei versos para citar nesse artigo.

Dessa produção artística se depreende uma concepção do mundo e da vida que se opõe às concepções do mundo ditadas pela classe dominante, talvez por isso tão censuradas pelo tipo de relações de poder aí existentes. Acostumados a uma literatura como fato de cultura aprendido na escola, ao lermos outra não a legitimamos na qualidade de código culturalmente existente.

Jean Pierre Martinon em *O Mito da Literatura* (5) lembra que esse tipo de literatura não é a única a mostrar a enorme massa das mensagens que, malgrado sua relação profunda com as narrativas míticas, não são indexadas culturalmente com o prestígio mítico que detém a literatura erudita.

Abrir um espaço para a produção das literaturas do povo nas bibliotecas é uma das formas de se ver que o saber da elite cultural não é só o "maior" e o "melhor", e de se questionar determinado tipo de autoritarismo que ronda a burocracia e conseqüentemente as relações sociais.

Deixo aos técnicos das bibliotecas uma reflexão acerca da possibilidade de se introduzir a literatura popular na biblioteca. Cabe a ela o como fazer o intercâmbio entre os cordelistas e as entidades públicas, assim também a catalogação dos folhetos de cordel que recebam em suas bibliotecas.

One of the main barriers for the researchers of popular culture in Brazil is that libraries usually disregard the «Cordel» Literature. This problem is discussed from the point of view of the importance of the literary production of the lower classes, showing that it deserves a place in the academic and public libraries.

#### BIBLIOGRAFIA

1. SILVA, Antônio Gonçalves da. Patativa do Assaré. In: *Cante lá que eu canto cá*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980. p. 25.
2. SILVA, Antônio Gonçalves da. Patativa do Assaré. In: *Cante lá que eu canto cá*. Rio de Janeiro, Vozes, 1980. p. 82.
3. CAMARA Cascudo. L. *Tradição, Ciência do Povo*. São Paulo, Perspectiva, 1971. p. 9.
4. GRAMSCI, Antônio. *Literatura e Vida Nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 106.
5. MARTINON, Jean Pierre. O Mito da Literatura. In: LUCCIONI, G. et alii. *Atualidade do Mito*. São Paulo, Duas Cidades, 1977. p. 129.